

A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA REPRESENTADA NO LIVRO DIDÁTICO NA VISÃO DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPO MAIOR-PI

Beatriz de Sousa Oliveira¹
Profa Dra. Maria Goreti da Silva Sousa²

RESUMO

Discutir violência simbólica é entender relações de poder que hierarquizam a sociedade em uma ação do dominante e dominado. A escolha da temática se justifica pela análise de livros didáticos que expressavam no seu conteúdo o uso da violência simbólica em suas representações de linguagem e imagens ilustrativas. O entendimento esteve apoiado na perspectiva de que nem todo professor tem um olhar crítico sobre a temática, constituindo-se daí a problemática do estudo que buscou saber como a violência simbólica está representada no livro didático na visão dos professores de escolas públicas? O objetivo geral buscou analisar como a violência está representada no livro didático na visão dos professores de escolas públicas de Campo Maior-PI. A investigação contou com a pesquisa de natureza qualitativa do tipo descritiva em duas escolas públicas de Campo Maior-PI. Teve como instrumento de produção dos dados um questionário para os professores sujeitos da pesquisa. O embasamento teórico esteve apoiado em Bourdieu (2005), Bourdieu e Passeron (1982), Lima (2008) Munanga (2008) e outros. Nos resultados a representação do negro ainda constitui-se na sua maioria a visão da imagem escravista em situações precárias. A representação da violência simbólica se apresenta camuflada em imagens discriminatórias no tocante as relações étnico-racial, propagada de forma imperceptível aos olhares de alguns professores que ainda não conseguem vê que essa violência persiste sorrateiramente no livro didático.

Palavras-chave: Violência Simbólica, Livro didático, Relações étnico-raciais.

INTRODUÇÃO

A violência é representada nos mais diversos contextos, inclusive no cenário escolar, podendo se originar no próprio espaço ou ser de natureza externa e levada ao ambiente. Há concepção de que violência é apenas agressão física, mas nem sempre se apresenta dessa forma, podendo ser psicológica e ou ainda simbólica. A violência simbólica é a que se destaca em questão de propagação diante a sociedade, embora não se atentem e desconheçam suas características e sua existência, devido está velada pela sociedade não se conscientizando que ela existe nas relações de poder constantemente definidas e aceitas, na medida em que é aceita por aqueles que se sujeitam a mesma.

Face ao exposto, buscou-se discutir sobre a violência simbólica que existe no livro didático através de suas representações sociais, da percepção do professor, partindo ainda da

¹ Graduada pelo Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - PI, beatriz.sousa13@hotmail.com;

² Professor orientador: Profa. Dra. Maria Goreti da Silva Sousa/ Universidade Estadual do Piauí-PI, mgsmoises@hotmail.com.

ideia de que o livro didático demonstra no contexto de suas linguagens e imagens relações de poder, gênero, regionalismo e a classificação social que hierarquizam a sociedade.

É precípuo destacar que o livro didático é um importante recurso utilizado na metodologia do trabalho do professor; muitos professores não refletem o conteúdo desse material utilizado, sendo um objeto dotado de poder simbólico na representação da violência simbólica em seus contextos, predominando valores padronizados pela cultura dominante, caracterizando e descaracterizando padrões existentes dentro da sociedade de forma simbólica; o olhar do professor passa despercebido diante dessas representações.

A escolha desta temática justifica-se pela percepção que a pesquisadora teve ao analisar alguns livros didáticos que expressavam no seu conteúdo o uso da violência simbólica em suas representações de linguagem e nas imagens ilustrativas. A preocupação e interesse se alargaram, visto que nem sempre vamos encontrar na sua totalidade professores que possuem um olhar crítico, perceptivo e interventivo a esse tipo de questões na sua maioria desconhecedores do conceito do que venha ser violência simbólica.

Nessa perspectiva desenvolveu-se o questionamento: saber como a violência simbólica está representada no livro didático na visão dos professores de escolas públicas? O objetivo geral buscou analisar como a violência está representada no livro didático na visão dos professores de escolas públicas de Campo Maior-PI.

O interesse em pesquisar sobre a violência simbólica representada no livro didático levou em consideração que é um material utilizado como recurso pedagógico adotado pela maioria das escolas públicas e privadas e serve como instrumento de apoio na ampliação do conhecimento. Esse material em muitos casos pode ser o primeiro livro que a criança possui contato, criando a concepção de que o conhecimento nele colocado seja inquestionável; muitos professores se prendem a esse recurso que deveria ser apenas de apoio, e acaba sendo a única fonte de conhecimento dentro da sala de aula, no desenvolvimento do ensino aprendizagem.

Para discussão desta temática sobre a violência simbólica o estudo contou com as produções de Bourdieu (2005), Bourdieu e Passeron (1982), Lima (2008), Silva (2008), Munanga (2008), entre outros que deram suporte para entender os assuntos aqui abordados. O artigo está estruturado em introdução, metodologia, desenvolvimento, resultados e discussões e considerações finais.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa cuja abordagem “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (OTANI E FIALHO, 2011, p.37).

Assim “A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade.” (OLIVEIRA, 2010, p.60). Desta maneira ainda inclui caracterizar a pesquisa na procura de chegar a explicitação e compreensão dos fatos mediante a percepção do sujeito, indo a fundo às especificações informativas.

É uma abordagem que considera a subjetividade do sujeito em relação ao seu objeto de estudo. Considerando ainda os fenômenos na sua dimensão social, “O processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (OTANI E FIALHO, 2011, p.38). Desta forma, como se discorre a aquisição da realidade dos sujeitos diante dos fatos da pesquisa é que resulta na precisão dos fatos produzidos neste trabalho.

Quanto aos objetivos trata-se de uma pesquisa descritiva com o intuito de caracterizar a visão do professor diante da violência simbólica, no sentido de melhor explicitá-la, “A pesquisa descritiva vai além de experimento: procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos”. (OLIVEIRA, 2010, p.68)

O delineamento metodológico recorreu ainda a uma pesquisa bibliográfica e de campo onde nesta última os sujeitos foram visualizados em seu próprio ambiente levando a naturalidade dos fatos em seu âmbito no intuito de perceber como a realidade dos fatos evidencia-se na representação dos dados (SEVERINO, 2007).

O questionário instrumento desta pesquisa contou com perguntas abertas, dando a liberdade aos participantes da pesquisa na construção das repostas e também para que pudessemos analisar a amplitude dos fatos.

Logo “os questionários têm como principal objetivo descrever as características de uma pessoa ou de determinados grupos sociais” (OLIVEIRA, 2010, p.83). Assim visando representar os sujeitos diante dos conteúdos das questões de forma objetiva e subjetiva, pela diferenciação e concretização sobre os fatos, atitudes e ações é que se optou pela aplicação de questionários em busca de alcançar um grande número de sujeitos a ser pesquisados simultaneamente.

O estudo foi realizado em duas instituições públicas de ensino, localizadas na cidade de Campo Maior-PI, ambas mantidas pela Secretária Municipal de Educação. A escolha das

escolas se deu mediante a aceitação da direção das instituições, contribuindo para que acontecesse a coleta, tendo em vista ambas serem da esfera pública.

A pesquisa teve início no primeiro período de 2017, em ambas as escolas. A escolha partiu da acessibilidade consistida para a realização da pesquisa com os professores e o fato dos mesmos se mostrarem disponíveis a fazerem parte da pesquisa, contribuindo assim com a coleta dos dados para a realização desta pesquisa de conclusão de curso.

A pesquisa procedeu-se na preferência por professores que ministrassem a disciplina de história do 1º ao 5º ano do ensino fundamental na perspectiva de que os mesmos melhor pudessem contribuir com a pesquisa. O questionário foi aplicado aos oito professores que mostraram interesse na participação do trabalho sendo identificados por codinomes, compreendendo caráter ético, de resguardar a imagem do sujeito. Dentre os participantes temos apenas um docente do sexo masculino.

DESENVOLVIMENTO

A violência está presente no contexto social desde os primórdios da sociedade, podendo se apresentar de forma visível e invisível. Normalmente está centrada na violência física, mas ela não é o único tipo existente, também identificamos a violência psicológica e a violência simbólica, as quais atuam de forma invisível na sociedade, que não estão atentos a sua forma de representação baseada nas relações de poder existentes. E enquanto aparelhos ordenados e constituidores de um “conhecimento que sistemas simbólicos cumprem sua função política de instrumentos de imposição e legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra.” (BOURDIEU, 2005, p.11)

Segundo Bourdieu (2005), a imposição de uma cultura sobre outra, na implantação do poder pela dominação em que estes consideram detentores e não se permitem ser coercitivas a ela, na construção da desigualdade, sendo um tipo de violência aceita, tendo em vista a sua legitimação na representação desse tipo de violência, no qual é ignorada pelo meio, assim se tornando coercitiva a esse poder, submetida pelo embate da predominância de classes. E, portanto essa seleção de significações que sociedade. Mesmo a violência simbólica sendo a mais praticada, muitos desconhecem define, “[...] objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é arbitrária na medida em que a estrutura e as funções dessa cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual, [...]” (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 23).

Não há nenhuma concepção definida pela “natureza das coisas”, que uma cultura impere sobre a outra de forma definida, o que acontece no campo da sociedade é a inculcação daqueles que se denominam detentores do poder e coercitivamente aos que se deixam dominar, mas isso não se designa como nenhuma lei de existência de vida e sim a fatores externos de condições sociais existentes.

Na sociedade, a legitimação de uma cultura como existente não subtrai a outra no sentido de que os valores apresentados em uma sejam a única considerada correta ou caracterizá-la como dominante, essa visão ocorre pelos que dominam e se deixam dominar, mas é na própria base das relações de poder que podemos descaracterizá-la. “Todo poder de violência simbólica [...] chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força [...]” (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 19).

A violência simbólica sempre se exercerá na visão de Bourdieu e Passeron, à medida que uma classe imperceptivelmente domine e deixe sujeitar-se nas relações sociais ilegitimamente, ou seja, “[...] toda ação de violência simbólica que consegue se impor (isto é, impor o desconhecimento de sua verdade objetiva de violência) supõe objetivamente uma delegação de autoridade[...]” (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 38).

Segundo Bourdieu e Passeron (1982), através da veiculação da palavra ocorre a disseminação da violência simbólica em sua representação por meio dos veículos sociais, pela qual muitas vezes transmitem informações que não lhe permitem o caráter reflexivo das ações, sendo apenas receptores das mensagens reforçando somente o que a sua cultura impõe, descaracterizando outras como impróprias, disseminando a ação dominante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste item apresenta-se como a violência está representada no livro didático na visão dos professores das escolas públicas de Campo Maior-PI. Com base no objeto de estudo definiu-se alguns indicadores abaixo descritos afim de que se respondesse substancialmente a problemática anunciada.

Concepção dos professores sobre violência Simbólica

Aqui se discute a importância de se conhecer e verificar a concepção existente sobre o que venha a ser violência simbólica na fala do professor. Assim no intuito de aprofundar a

questão lançou-se a seguinte pergunta: O que você entende por violência simbólica? E diante deste questionamento obtivemos as seguintes respostas:

É uma forma de agressão que afeta o outro sem contato físico, mas através de agressões psicológicas, humilhações, constrangimentos. (ALEGRE)

Manifestação do argumento que anula o pensamento, meios que alienam e aculturam o comportamento social, as teses de Bourdieu e Passeron comprovam essa violência. (BALU)

É o preconceito ou a discriminação retratados por meio de imagens ou fotos que denigrem pessoas ou grupos sociais. (ESTELA)

É a violência manifestada através das suas ilustrações, ou seja, um fato real, cruel, violento mostrado de forma gentil, muitas vezes omitido. (IONE)

É uma maneira de impor algo a alguém. É induzir o indivíduo a se enxergar e avaliar o mundo de acordo com os critérios definidos por alguém. (JASMIN)

Entendo que é um tipo de leitura que confunde o raciocínio dos alunos, seja racial, seja... (MÉLIA)

É a violência representada por meios iconográficos (imagens) e gráficos (textos, poesias, prosas). (SERENA)

Entendo que seja uma violência que predomina a soberania de um grupo sobre o outro. Uma forma de discriminação onde um sistema ou uma pessoa ou um grupo com suas ideias egocêntricas desvalorizam algo (FLORA)

As respostas obtidas nos permitem verificar que alguns professores não transparecem tanta propriedade sobre o que venha ser a violência simbólica, posto que, as respostas são bem sucintas. Eles as descrevem como uma forma de imposição de um grupo, na anulação do pensamento por meio das imagens ou linguagem na constituição do preconceito.

O professor Balu foi o que melhor se expressou em relação à indagação. Podemos analisar que na sua fala há um maior domínio do tema sobre a violência simbólica quando destaca a questão da temática comprovada nas pesquisas de Bourdieu em conjunto com Passeron. Para Balu violência simbólica é: “Manifestação do argumento que anula o pensamento, meios que alienam e aculturam o comportamento social, as teses de Bourdieu e Passeron comprovam essa violência”. Nessa linha de discussão recorreremos a Bourdieu quando se refere aos sistemas simbólicos como forma de legitimação da classe hegemônica.

Infere-se então, que violência simbólica é a imposição legítima do poder dominante de uma classe superior a outra, na comunicação de elementos que propagam o conhecimento estruturado consistindo na coerção aceita por parte do dominado. Desta forma, é preciso que o educador desconstrua a ideia de dominação encontrada no espaço alargando olhares para que se desconstrua a coercitividade que leva ao preconceito. “O poder simbólico é, com efeito,

esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2005, p. 7).

Nesse sentido o poder que está centrado nos livros, nos conteúdos, nos programas engessados e vê o aluno como “local” de depósito e memorização de conteúdo narrado pelo educador é, portanto arbitrário e violento.

Tipos de violência simbólica

A violência simbólica pode persistir suas formas pelos mais determinados meios de relação encontrados na sociedade, a partir de que se tenha o dominante e o dominado nessa cultura de aceitação. Nesse sentido, a procura de identificar se é perceptivo algum tipo de violência simbólica na visão do professor no espaço escolar perguntou-se aos pesquisados, que tipos de violência simbólica são presentes no livro didático adotado pela escola que trabalham.

Não identifico violência simbólica nos livros didáticos que utilizo. (ALEGRE)

O livro de geografia, história faz uma alusão ao problema retrata as desigualdades dos sistemas sociais vigentes. O uso da retórica, com argumento preciso a manifestação do pensamento ideológico religioso. Os meios de comunicação como instrumento de reprodução da ordem social e o sentimento toxicológico. (BALU)

Não percebi violência simbólica em nossos livros, acho que atualmente os autores já estão buscando uma nova forma de introduzir conteúdos. O olhar didático e pedagógico dos livros tem mostrado mais respeito e menos discriminação em suas imagens. (ESTELA)

Alguns tipos de violência como diferentes modos de vida, imagens de diferentes raças e influência tecnológica. (IONE)

As vezes encontramos algum tipo de violência simbólica de maneira bem sutil. Alguns textos induzem à discriminação a pessoas mais pobres. (JASMIN)

Sim, em alguns conteúdos vejo que a violência simbólica é bem presente. Com a intenção de mostrar diferentes classes e culturas, alguns conteúdos acabam por exaltar mais alguns lugares e culturas, deixando de lado o que realmente interessa.(MÉLIA)

Sim. A violência étnico racial. (SERENA)

Não, na etapa de alfabetização e nos livros que trabalho nessas séries não identifiquei violência simbólica. (FLORA)

Nas respostas de alguns professores percebe-se que não há presença da violência simbólica nos livros didáticos adotados. Constata-se na fala da professora Estela a crença de

que os autores dos livros não abordem mais essa representação no material didático, trazendo novas formas de trabalho na introdução aos conteúdos, na perspectiva de possuírem menos discriminação nas imagens. Mas ao mesmo tempo em outras respostas percebe-se a exemplo de Balu ver essa realidade da violência simbólica, ainda representada nos livros de história e geográfica.

Diante dessas respostas, acorda-se a atenção para o conteúdo que muitas vezes é repassado no livro, podendo ele se apresentar de forma oculta como nos fala Bourdieu e Passeron (1982), assim, transpondo-se de maneira inquestionável, permitindo a sua inserção ao meio de modo imperceptível aos que a ele estão sujeitos. Desta maneira a tentativa de veiculação da palavra nas representações de dominação e subordinação podem se fazer presentes na propagação da imagem e da linguagem dos meios de comunicação, se tornando invisível aos olhares daqueles que se permitem levar.

Para Silva (2011), nem sempre será exercido um olhar verídico sobre o material, sendo nossas ações que denominam e nos moldam, em transformações diversificadas na ampliação e aquisição de saberes. Vivemos em uma sociedade de constantes modificações, estamos sempre em construção social sujeitando-se a fazer parte de um sistema de valores que são impostos pelos dominantes e se exercem ao que se deixam dominar. Farr (2011), apresenta o sujeito como produto da sociedade em que modifica e ao mesmo tempo é modificado por ela, a partir da interação com o meio.

A percepção de cada professor é resultado de um poder que nos exerce e nos faz parte de uma sociedade baseada na desigualdade de poder e dependo da estruturação que estamos sujeitos, somos imperceptíveis a essa força que nos move. Postula-se que “A percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação social” (BOURDIEU, 2005, p.139), visto que a realidade objetiva não se configura no todo social.

A imparcialidade e ocultamento de ações que se transfere no campo social são inúmeras, o desconhecimento da violência simbólica no âmbito escolar é o que permite o encaminhamento da construção desigual, através de fatores que parecem inofensivos aos olhos. Mesmo diante da crença por parte de alguns professores de que o livro no qual trabalham não fazem representatividade, é possível destacar ainda nas respostas dos mesmos a representação dos tipos de violência simbólica étnica racial, regional, socioeconômico tanto pela linguagem como na imagem.

Violência simbólica étnico racial

A caracterização de uma sociedade heterogênea é o que representa o Brasil. Somos formados por uma diversidade étnico-racial que compreende a história social e política do indivíduo e mesmo diante de tantas diferenças, existem ainda os que se movimentam em torno de uma homogeneidade inexistente, assim desvalorizando o papel de formação de um sujeito na propagação de uma desigualdade desde o início da colonização brasileira.

As desigualdades enraizadas pelo preconceito não se constroem apenas nas relações étnico-racial, mas a violência também se encontra nas relações de gênero, regionalismo, entre outros. Mas, é no contexto de miscigenação das etnias é que se busca no olhar dos professores a visão em que o negro é representado, lançado pelo seguinte questionamento: O livro didático que você trabalha traz representação do negro? Em quais situações? Assim surgem as seguintes respostas:

Sim, quando trabalhado o conteúdo família, o livro traz imagens de famílias formadas por negros e brancos, traz também imagens de brincadeiras entre crianças brancas e negras. (ALEGRE)

Sim, considerando sua submissão enquanto subalternos e periféricas retrata o caráter escravista e racista, principalmente nas obras de Monteiro Lobato. (BALU)

Sim. Mas essas representações nem sempre retratam preconceito ou tentam mostrar situações desfavoráveis que denigrem a imagem de uma pessoa. (ESTELA)

Sim. Ao mostrar como a vida antigamente nas fazendas, trabalho escravo. (IONE)

Algumas vezes em que mostram negros morando em condições precárias. (JASMIN)

Sim, em situações de escravidão, de fases da história em que o negro ainda era castigado, e as crianças de hoje negra sente um pouco a falta da participação do negro atualmente. (MÉLIA)

Sim. Nos conteúdos referentes ao Brasil colônia, escravidão, cultura e algumas dicas sobre as leis que foram regulamentadas sobre os seus direitos. Além de apresentar a constante discussão com os alunos sobre o conceito e o que a prática do racismo pode ocasionar. (SERENA)

Sim, sempre que a demanda do conteúdo sugere imagens de pessoas houve preocupação em não promover discriminações. O livro didático da escola nesta turn tem muitas representações do negro (FLORA)

As narrativas de alguns dos sujeitos desta pesquisa evidenciam ainda no tocante à indagação inicial a presença de questões étnico-raciais no livro didático. Balu reforça esta asserção ao postular que percebe a presença da violência étnico racial sim, quando considera a submissão do negro enquanto subalternos e periféricos que retratam o caráter escravista e racista, principalmente nas obras literárias de Monteiro Lobato.

Nas respostas dos professores foi possível perceber a representação do negro nas imagens, porém todos não o descrevem no contexto da violência simbólica. Alegre por sua

vez afirma a existência da imagem do negro no livro quando trabalhada o conteúdo família. Segundo esta participante o livro traz imagens de famílias formadas por negros e brancos, traz também imagens de brincadeiras entre crianças brancas e negras. Sendo comum e necessária a representação da etnia racial, tendo em vista que somos formados por uma sociedade miscigenada, assim as cenas não se configuram em violência simbólica.

Estela, diz perceber a presença étnico-racial no livro didático, mas destaca que essas representações nem sempre retratam preconceito ou tentam mostrar situações desfavoráveis que denigrem a imagem de uma pessoa. Também não vê a figura do negro em situações de preconceito ou violência para com o sujeito.

E outros professores trazem a representação do negro, mas no contexto muitas vezes de condições precárias, em caráter da escravidão, época do Brasil colônia um contexto vívido no passado que ainda respinga na atualidade.

A sociedade é entrelaçada ao conceito de violência do tipo físico, e suas ações parecem invisíveis a uma discussão antiga debatida pelo Bourdieu (2005) que é violência simbólica, presente no campo da invisibilidade que se deixa exercer pelo sujeito dominante e o dominado no espaço cultural.

Sabemos da importância do livro didático como material de apoio, Silva (2008) impõe o exaltamento por ele exercido no espaço escolar, no qual ainda nas respostas dos professores pode se demonstrar a figura da violência simbólica, e ao mesmo tempo nas palavras não claras, o encarregamento para que ela prossiga em formato impercebível aos olhares, sendo necessário o posicionamento de uma consciência crítica.

Mas Munanga (2008), já nos diz que não podemos ignorar a concepção de uma educação fundada nos ideais europeus, em que a decorrência desse modelo somos levados a reproduzir atos involuntários, permeando a violência simbólica inconscientemente na sociedade. Assim, cooperando na propagação do poder, expandindo invisivelmente características de imposição dominante, na não aceitação do outro, que se submete ser dominado por aquele que exala o poder. A representação do negro em seu caráter construtivo rediga em “cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica” (LIMA, 2008, p.99).

A concepção de igualdade ainda precisa muito ser revisada no material didático, fazer essa desapropriação pelo poder que vem se ampliando pela sociedade imperceptivelmente aos olhos, diante daqueles que são dominantes e por aqueles que se deixam dominar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado deste estudo possibilitou perceber a representação da violência simbólica no livro didático na visão dos professores de duas instituições públicas do município de Campo Maior - PI. Na concepção de que seja um tema bastante antigo e ainda consista invisivelmente no material didático buscou-se a realização dessa pesquisa com intuito formativo.

Partindo das questões e objetivos que nortearam esta pesquisa, constatamos que na identificação dos conhecimentos que os professores do ensino fundamental apresentam sobre a violência simbólica presente no livro didático, esses sujeitos não demonstram propriedade no saber a cerca da temática, apenas um dos participantes se destacou como conhecedor de uma realidade presente, na qual já se foi bastante discutida.

Diante da identificação dos tipos de violência, consiste ainda a crença da não presença da violência simbólica na representação de imagens e linguagens, no entanto sabemos pela adversidade das falas que mesmo de forma implícita a ela violência simbólica prossegue sorrastemente na sociedade. Nem sempre exerceremos um olhar verídico sobre as representações, pois somos sujeitos ao meio, assim o conteúdo é posicionado de maneira inquestionável e a consciência de que há uma “naturalização das coisas”, reproduz a ideia inverídica inculcada pelos dominantes aos dominados pelo poder simbólico. A exalação de uma violência simbólica impressa nos livros de história e geográfica ainda é visível sobretudo na representação de imagens e linguagens.

A caracterização das percepções dos professores diante das relações de violência étnico-racial persiste na visão escravista, mesmo vivenciando o século XXI, a imagem do negro ainda é vista no livro negativamente e discriminatória. Todavia existem professores que defendem a crença de que os autores do material didático se preocupam com a representação do negro para destacar a diversidade étnica existente na sociedade. Diante dessa acepção consideramos que a invisibilidade de algumas ações em um contexto adversativo perpassa o espaço, através das marcas de uma sociedade fundada pelo preconceito.

A violência como se pode ver a partir desta pesquisa traz novas aberturas a serem completadas visto que nenhum conhecimento é acabado. Percebem-se ainda lacunas, na qual a necessidade formativa dos docentes se faz necessário para o aprofundamento dessa violência carregada de poder simbólico.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **O poder simbólico**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, A. Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p.27-48

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabelenge (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. p.97-111

MUNANGA, Kabelenge. Apresentação. In: MUNANGA, Kabelenge (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. p.11-16

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

OTANI, Nilo; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. Classificação das pesquisas. In: OTANI, Nilo; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **TCC: métodos e técnicas**. 2. ed. Florianópolis: Visual Books, 2011. p.33-41

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e pratica científica. In: SEVERINO, Antônio Joaquim – **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p.99-126.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabelenge (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. p.17-30

_____. **A Representação Social do Negro no Livro Didático: O que mudou? Por que mudou?**. Salvador: EDUFBA, 2011.